



João Caiado Guerreiro
Advogado

Negócios à Parte | As OPAs no sector das telecomunicações não acabaram aqui. Se era difícil o Governo permitir a compra da PT por um grupo estrangeiro, já será mais fácil de autorizar a compra de “meia PT”

E depois das OPAS ?

A OPA à PT falhou. No dia em que escrevo, o do Trabalhador, também tudo indica que a OPA do BCP sobre o BPI falhou. Mas como fica o mundo dos negócios portugueses depois destas OPAS? Como ficam os predadores e as presas? A resposta a estas questões não é evidente. A OPA que a Sonae lançou sobre a PT teve como efeito a apresentação pelos gestores desta de um plano defensivo que começa agora a ser executado. Além de dividendos extraordinários, o plano propõe a criação de valor através da separação da PT e da PTM. Quer dizer, para os consumidores portugueses muda alguma coisa de forma favorável: onde antes havia apenas um grande operador de cabo passa a haver dois. O fio de cobre da PT e o cabo da TV Cabo. É uma diferença grande que vai aumentar a concorrência nas telecomunicações, o que muito beneficiará Portugal. Mas os accionistas da PT também ganham: o *spinn off* da PTM vai criar valor para os accionistas. É um daqueles casos em que as empresas valem mais separadas do que juntas. E já vários grupos se posicionam para controlar a PTM, com Joaquim Oliveira na primeira linha. O dono da Controlinveste (JN, DN, Sportv, etc.) tem

grande interesse em adicionar a PTM ao seu império. Como o terão também a Impresa de Balsemão ou mesmo a Sonae, para não falar em muitos outros. As OPAs no sector das telecomunicações não acabaram aqui. É aliás habitual depois de um *spinn off* aparecerem novos interessados nas empresas que resultam das cisões. São realidades diferentes, que podem ter ainda mais interesse. Mesmo para estrangeiros. Se era difícil o Governo permitir a compra da PT por um grupo estrangeiro, já será mais fácil de autorizar a compra de “meia PT”. No caso da OPA do BCP ao BPI parece claro que não é desta que o BPI é comprado, pelo menos pelo BCP. Santos Silva e Fernando Ulrich conseguiram, de forma notável, unir os accionistas contra a OPA. São também boas notícias para os consumidores portugueses que vão continuar a ter mais um banco por onde escolher. Parece ter ficado claro que os catalães do La Caixa tem agora mais influência no BPI que a que tinham antes da OPA. Mas tudo parece indicar que serão Ulrich e a sua equipa quem vai continuar a mandar no BPI, e depois dos accionistas terem recusado uma oferta a sete euros, parece pouco provável outra a curto prazo. A situação do BCP é diferente.

Embora seja o maior banco português isso é pouca protecção. A oferta hostil lançada pelo Santander, Fortis e RBS sobre o ABN Amro, sete vezes maior que o BCP, mostra bem que não há segurança nos números. É certo que a gestão do BCP já venceu muitas batalhas contra accionistas incómodos. Mas a entrada no capital do BCP de accionistas como Berardo ou Rendeiro, que já somam 6% os dois, indica que há gente a apostar muitos milhões no BCP. Estes especuladores, bem importantes para tornar as empresas saudáveis aumentando a pressão sobre a gestão, exigem resultados de curto prazo. Ou então tentam vender as empresas. Recorde-se que a gestão do ABN Amro foi pressionado a vender o banco por um fundo (TCF) que detinha apenas 3% do capital. Isto quer dizer que os 4% de Berardo ou os 2% de Rendeiro – que aliás quer aumentar até 5% – podem ser mais importantes que as percentagens que detêm. E nem se fale nos potenciais interessados estrangeiros no BCP. Serão muitos.

Os gestores do BCP tem pois muito trabalho pela frente para não passarem de predador a presa. Mas tem qualidades mais do que suficientes para vencer mais este desafio, dando um bom retorno aos accionistas. ■